

CARTA DE AMOR PARA O MEU FILHO NÃO NASCIDO

Judith Hayes

Era um dia fragrante de verão em fins de julho. Eu andava me sentindo um tanto estranha e nauseada. Decidi então consultar meu médico.

– Sra. Hayes, tenho o prazer de avisá-la de que está grávida de dez semanas, – anunciou o médico. Eu não podia acreditar, era a realização de um sonho.

Meu marido e eu éramos jovens e estávamos casados há apenas um ano. Nos esforçávamos para construir uma vida feliz juntos. A notícia de que estávamos esperando um filho era maravilhosa e ao mesmo tempo assustadora.

Em meu entusiasmo juvenil decidi escrever "cartas de amor" ao nosso bebê, a fim de expressar meus sentimentos de expectativa e alegria. Mal podia imaginar como essas cartas de amor seriam valiosas nos anos que viriam.

Agosto 1971: Meu bebê querido, você pode sentir o amor que tenho por você enquanto é ainda tão pequeno e vive no mundo silencioso dentro de meu corpo? Seu pai e eu queremos que o mundo seja perfeito para você, sem ódios, guerras, poluição. É difícil esperar para tê-lo em meus braços dentro de apenas seis meses! Amo você. O papai também ama você, mas ele ainda não pode senti-lo como eu, porque você está dentro da minha barriga.

Setembro 1971: Estou grávida de quatro meses e me sentindo melhor. Posso perceber que você está crescendo e espero que esteja bem e confortável. Tenho tomado vitaminas e comido alimentos saudáveis para você. Minha náusea matinal felizmente acabou. Penso em você todo o tempo.

Outubro 1972: Oh, meus períodos de melancolia. Choro tanto sem razão. Algumas vezes me sinto muito só e então me lembro de que você está crescendo dentro de mim. Sinto você mexendo, virando e empurrando. Os seus movimentos são sempre diferentes, eles me trazem tanta alegria!

Novembro 1971: Sinto-me muito melhor agora que meu cansaço e enjoos passaram. O calor intenso do verão terminou. O tempo está lindo, fresco e revigorante. Sinto cada vez mais os seus movimentos. Socos e chutes a toda hora. Que bom saber que você está vivo e sadio. Na semana passada, o papai e eu escutamos as batidas fortes do seu coração no consultório médico.

Fevereiro 2, 1972 às 23.06h: Você nasceu! Nós lhe demos o nome de Sasha.

Foi um período longo e difícil de 22 horas de trabalho de parto e seu pai me ajudou a relaxar e manter-me calma. Estamos muito felizes em ver você, carregar você e dar-lhe as boas-vindas. Bem-vinda, nossa primogênita. Nós a amamos muito!

Sasha logo tinha um ano e começou a andar cautelosamente por toda a casa. Em seguida começou a cavalgar pôneis e a balançar ao sol no parque. Nossa pequena beldade de olhos azuis entrou no jardim-de-infância e cresceu até tornar-se uma menina inteligente e voluntariosa. Os anos se passaram tão rápido... Meu marido e eu comentamos brincando que

pusemos nossa filha de cinco anos na cama uma noite e ela acordou na manhã seguinte já adolescente.

Esses poucos anos de adolescência e rebelião não foram fáceis. Houve ocasiões em que minha garotinha bonita, mas rebelde plantava os pés no chão e gritava:

– Você nunca me amou! Você não se importa comigo, nem quer que eu seja feliz!

Suas palavras ríspidas cortavam meu coração. Onde eu teria errado?

Depois de uma das explosões zangadas de minha filha, lembrei-me subitamente da caixinha de cartas de amor guardada no armário de meu quarto. Eu as encontrei, colocando-as silenciosamente sobre a cama dela, esperando que as lesse. Alguns dias depois Sasha procurou-me, com lágrimas nos olhos.

– Mamãe, eu não sabia o quanto você me amava – mesmo antes de meu nascimento, – disse ela. – Como pôde me amar sem conhecer-me? Você me amou incondicionalmente! – Aquele momento precioso tornou-se um laço de união que ainda hoje existe entre nós. Aquelas cartas de amor empoeiradas e antigas fizeram derreter a ira e a rebelião que ela sentira.